



PIBID/MATEMÁTICA: NARRATIVAS SOBRE EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO¹

Márcia Souza da Fonseca – UFPel

mszfonseca@gmail.com

"El tiempo de nuestras vidas es, entonces, tiempo narrado; es el tiempo articulado en una historia; es la historia de nosotros mismos tal como somos capaces de imaginarla, de interpretarla, de contarla y contar(nos)la. Más o menos nítida, más ou menos delirante, más o menos fragmentada. Y es así, como narración, que cada punto del camino contiene todo el camino [...] Y es en tanto que narrador, el caminante se contiene a sí mismo en toda la extensión de caminar su camino."

Jorge Larrosa

1. A Experiência de todos e de cada um

O trabalho trata de narrativas sobre experiências de formação vivenciadas por acadêmicos e professora do Curso de Licenciatura em Matemática e por uma professora de escola pública estadual, vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Durante a escrita busco aproximar minha narrativa das narrativas do grupo, no sentido de proporcionar um texto com vivo, com movimento, movimentos de leituras, de escritas e de diferentes formas de subjetividades experienciadas ao longo do projeto.

Por entender que a educação implica em formação e transformação re-significada a cada nova experiência, trago aqui olhares pacienciosos, de quem não é experiente, mas vem se constituindo na e pela experiência. Olhares sobre o PIBID, narrativas sobre a formação.

A narrativa que segue não teve o cuidado com a autoria das falas, nem com repetição, temos falas comuns/compartilhadas ao longo do texto, pois foram descritas a partir da experiência de cada um – a repetição é experiência –, que só acontece na relação com o outro, em como sofremos o efeito do outro, em como somos afetados por ele.

Através das experiências em sala de aula, trabalhando com professores da educação básica da rede pública, escrevendo e publicando trabalhos em eventos na área da educação e as trocas de experiência com colegas pibidianos da área de

¹ Apoio CAPES

matemática e demais áreas, hoje, posso ter um olhar mais crítico e criativo; e com entusiasmo trilhar esse caminho.

Diante dos altos índices de evasão escolar em cursos de Licenciatura devido, muitas vezes, à distância entre a Universidade e a Escola Básica, o PIBID objetiva antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula das escolas da rede pública.

Como o PIBID busca a integração aluno de licenciatura, escola, entendo que essa integração começa e existir na minha vida, saber como realmente funciona a máquina da educação é fundamental para fazer parte dela.²

A proposta se justifica, também, devido aos baixos índices apresentados pelo governo em relação à educação brasileira, havendo a necessidade, por parte do governo federal, de implementação de políticas públicas na tentativa de dizimar ou diminuir estes índices. É um programa que oferece e oportuniza a intervenção dos estudantes de cursos de licenciatura junto às escolas, professores e alunos, participando e qualificando momentos escolares.

Ao entrar no PIBID você percebe o quanto é falho o seu curso, pois depois de dois anos de projeto eu criei (construí) um outro olhar para a escola, para os alunos e para minha futura profissão. Coisas que pareciam simples para mim eu percebi que são muito complexas para a escola e para os professores (como o uso de tecnologias), por outro lado, coisas que são corriqueiras na escola, não eram tão fáceis para mim (como o simples fato de trabalhar em grupo). O pibid me ajudou a perceber as fraquezas da escola a nos receber e as nossas fraquezas quanto à escola, fazendo assim com que haja mais compreensão de ambas as partes.

Experiência, muitas vezes, vivida apenas em períodos finais dos cursos, nos Estágios Curriculares. Para qualificar o trabalho nas escolas, professores supervisores e licenciandos, junto às coordenações de diferentes áreas, participam de reuniões de estudos e discussões no sentido de considerar experiências e levá-las às escolas, “*a oportunidade de estar em contato com a realidade da sala de aula hoje, me fez crescer e perceber que ser professor é muito mais que ensinar, é a troca entre ensinar e aprender.*”

2. PIBID/UFPEL

O PIBID III/UFPEL teve início no segundo semestre de dois mil e onze na cidade de Pelotas-RS, dando continuidade ao projeto anterior que abrangeu quatro escolas da rede estadual, Colégio Estadual Dom João Braga, Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, Colégio Estadual Nossa Senhora de Lourdes e Escola Técnica Estadual Sylvia Mello. Manteve o objetivo de qualificar e oportunizar a formação inicial e continuada dos estudantes

² O texto contou com as narrativas dos bolsistas Marta Guimarães, André Rodeghiero, Thiago Borchardt, Marcia Lupi, Adriana Luche, Roselaine Trens, Bruna Xavier, Cândila Plamer, Ígrid Mathias, Guilherme Moraes, Laura Leal, Letiane Fonseca, Michele Oliveira, Samantha Silva, Wellington Barros, Marcelo Corrêa, Jefferson Silveira e Taiane Rosa.

de licenciatura e professores das escolas, despertar o interesse pela docência e melhorar os índices de educação de crianças e jovens da escola básica.

Um total de dezesseis acadêmicos de quatro áreas do conhecimento, Matemática, Física, Química e Biologia, organizam-se em duas formas de trabalho: trabalhos nas áreas e trabalho entre as áreas, no sentido da promoção de um projeto, “*aprendi e aperfeiçoei, com certeza, a minha capacidade de trabalhar e conviver em grupo.*”

Tal projeto se mobiliza a partir das demandas de estudantes de ensino médio das escolas parceiras que buscam, junto aos pibidianos, o aprofundamento de temas de seu interesse. Tais temas são estudados e organizados em forma de projeto de ensino, no qual as diferentes áreas do saber se aproximam no sentido de contribuir, com maior intensidade e qualidade com o entendimento das temáticas que são objetos de estudo.

Ambos os trabalhos, articulando universidade e escolas, são desenvolvidos nas escolas com supervisão de professores bolsistas da rede estadual e coordenados por professores bolsistas, das diferentes áreas, da Universidade.

Podemos perceber que ainda há muito para se fazer na educação, mas que estamos no caminho, no caminho de uma educação bela, criativa, multicultural, que acolha as diferenças e os diferentes, principalmente aqueles marginalizados pelos ditames da ciência e da sociedade. E através do PIBID estamos aprendendo a trilhar este caminho.

3. PIBID Matemática

A área da Matemática propõe uma desconexão do modelo matemático e postulados filosóficos tradicionais, para realizar uma experiência diferenciada, não universalizada, onde todos possam participar:

O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a o-posição (nossa maneira de opormos), nem a im-posição (nossa maneira de impormos), nem a pro-posição (nossa maneira de propormos), mas a ex-posição, nossa maneira de ex-pormos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. (LARROSA, 2002, p. 24).

A escola ainda é um lugar de repetição, na qual não há espaço para a crítica, para a releitura. Há necessidade de fazer da escola um espaço de crítica, de transgredir o já dado, pois os sujeitos escolares são subjetivados de maneiras diferentes e, consequentemente, dão respostas diferentes.

O requisito básico para educar é estar preparado para ajudar as pessoas a compreender o tempo e o mundo em que vivem e se tornar produtivos, solidários, felizes...Hoje não se trata de transmitir conhecimentos básicos..., o mundo mudou de forma nunca antes imaginada, exigindo saberes diferenciados e recursos diferentes do que temos (e que estão obsoletos). (COSTA, 2009, p.68).

A experiência tratada aqui traz um enfoque diferente, diferente da experiência empírica tão cara às ciências, diferente do experimento, pois rico em criatividade. Ao contrário do experimento, intencional, apressado e cujo fim já está previsto, nossa experiência requer paciência, requer pararmos para pensar, para olhar, para escutar, requer pensarmos mais devagar, olharmos mais devagar, e escutarmos mais devagar, requer demorar nos detalhes, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, falar sobre o que nos acontece, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro. (Larrosa, 2002).

E é nesses encontros de escuta e de fala que se dá a arte da formação, quando paramos para ler, para discutir, para escutar o que cada um tem a dizer. E já não somos mais os mesmos, pois nos constituímos a partir do modo como nos relacionamos com os outros, a partir de outras palavras transformamos nossas palavras, a partir de outros pensamentos, transformamos nossos pensamentos, a partir de outros sentimentos, transformamos nossos sentimentos. E nessa exposição ao outro se dá nossa formação, nossa transformação.

Os estudos realizados, as orientações recebidas despertaram em mim o que julgava já aposentado. Vivência de reuniões, realização de trabalhos, participação em oficinas foram intensificando meu desejo de aprender mais. A convivência com o grupo de alunos licenciandos, suas ideias criativas, esmero em produzir trabalhos para apresentação em eventos foram contribuindo para eu voltar a estudar, participar do mestrado...

4. Os livros de *Babel*

Jorge Luis Borges, em sua escritura *La Biblioteca de Babel* (Borges, 2002), trata de relacionar o universo a uma biblioteca, onde narra uma arquitetura na qual vivem seus livros e os segredos e as possibilidades de seus livros ao habitarem esta arquitetura e serem lidos. Afirma, também, a infinitude da biblioteca quando propõe que em seus livros estão registradas todas as combinações possíveis de letras e de símbolos.

Quero propor que nos movemos nesta imensa biblioteca, nós somos os seus livros. Nós somos os livros da biblioteca chamada universo; em nós estão tatuadas todas as possibilidades combinatórias de letras e símbolos e signos de todos os livros que nos propomos ler, portanto, já somos os livros. Borges continua dizendo que “não há, na grande biblioteca, dois livros idênticos, (...) basta que um livro seja possível para que exista. Só está

excluído o impossível.” (2002, p. 91). Nesse sentido, é possível afirmar que cada pessoa se diferencia da outra, que cada pessoa se constitui como única, como um único livro, pois não existem livros iguais e que todas as pessoas, todas as identidades são possíveis, basta que existam, que se disponham ao mundo.

Nós, leitores desta biblioteca, tal como os livros, também já somos uma biblioteca; já somos uma multiplicidade de leituras, de autores/as, de palavras, de ideias que nos constituem, que nos formam, que nos transformam no momento de cada leitura.

Nesta imensa biblioteca chamada universo existem muitos livros; livros que em princípio parecem adormecidos, parecem simples volumes, livros entre livros e que começam a despertar quando os abrimos, quando nos propomos a imaginá-los, a experimentá-los, a decifrá-los. Nós, como livros, despertamos na medida em que nos imaginamos e nos deixamos ser imaginados, nos experimentamos e nos possibilitamos ser experimentados por todos aqueles que participam de nossas experiências e que nos ajudam enriquecer nossa história.

Quando entrei no PIBID eu era muito tímido e tinha muito medo de como seria estar em uma sala de aula com muitas pessoas me olhando. Hoje admito que ainda sou um pouco, mas com certeza, bem menos que antes. O PIBID me ajudou a desenvolver melhor as práticas em sala de aula e sem contar como melhorou minha comunicação com os colegas.

E nessa multiplicidade de leituras, nessa intensa relação com os livros, cada nova leitura, cada nova experiência, nos constitui diferentes. Somos o rio de Heráclito, nos transformamos a cada dia, incessantemente e cada novo acontecimento, cada recordação desta nova experiência, nos renova, transforma o texto que somos nós.

E aqui não importa quando se dá a experiência, pois o texto, o livro que precedeu àquela experiência, já assume uma forma designada por ela, *hoje percebo que aonde vou, levo o PIBID como minha segunda pele, tenho orgulho de falar das coisas que fazemos e daquilo que estamos por fazer.*

Nosso pensamento é exterior, o que nos constitui como o livro que somos, o que nos possibilita as palavras é o que nos acontece quando se dá nossa experiência, e então já somos diferentes, pois o que nos acontece, o que nos toca é o que faz a diferença; a diferença entre o que fomos e o que somos, entre o livro que somos e a leitura que está por vir. Os acontecimentos, como a leitura, são nossos fatores de mutação, nossa transformação.

Hoje entendo que o professor nunca está pronto e que a sua formação nunca acaba e que a cada dia o professor deve ir a busca de desafios, do novo. O PIBID me

ajudou a ver que podemos sim mudar a educação escolar para melhor, mostrar aos alunos que a matemática não é só somar, multiplicar, dividir...

A nossa experiência de leitura, e a leitura aqui não tem a ver só com livros, nos provoca viver muitas possibilidades; cada história nos conta muitas coisas; nos provoca viver demasiadas possibilidades; nos constitui de múltiplas verdades em relação às realidades que enuncia.

Após um determinado tempo como pibidiano pude perceber que o meu ‘pensar’ sobre matemática e ensino teve suas portas mais abertas, obteve um crescimento como pessoas e como estudante e, com certeza, como futuro professor. Conhecimentos vividos no pibid são únicos na formação docente, já que para mim foi o único lugar onde pude sentir me preparando para a carreira docente de fato.

A história no PIBID é uma história de vida, é uma biblioteca viva, pois trata de emoções vividas, quando trata de relações com livros, de emoções com a leitura, sentimentos tão caros a nós, educadores/as matemáticos que, contrariando os cânones metafísicos, também somos amantes do puramente emocional, da imaginação, da fantasia, de inventos, de uma educação não-convencional, de uma escola mais livre.

É uma história de vida porque, contrariando convenções, busca afastar-se de uma identidade rígida a partir da leitura e da escrita, transformando em arte a inquietude, a necessidade de se abstrair da violência científica propondo, assim, outra história.

Quando entrei no PIBID eu me apaixonei, é essa a palavra que eu tenho a dizer. O PIBID mudou, acrescentou, transformou minha visão, pensamento em relação a ser uma professora.

É uma história de vida porque trata com singularidades, porque sujeitos são singulares, são como livros, pois a partir de experiências compartilhadas modificamos nossa linguagem, nosso pensamento, nossos sentimentos.

...nos é possível interagir com bolsistas de outros cursos e a com a interação tanto com alunos de outros cursos quanto do mesmo curso, nos é acrescentado tanto em conhecimentos diversos como na reflexão e aceitação de ideias dos demais afim de planejar e executar o melhor trabalho possível. Lidar com a diferença de ideias e criar uma cumplicidade entre o grupo de alunos participantes.

Mas a história da biblioteca universal foi contada – e como foi contada muitas vezes e contada por muitas pessoas –, e foi escrita, nos dá a parecer que é uma história verdadeira e, enquanto história verdadeira parece a única possibilidade de história, pois quem contou essa história, organizou a biblioteca e estabeleceu os lugares para os livros. Nessa biblioteca, os livros estão organizados em várias estantes, em ordem alfabética por autor, assunto ou título.

Na biblioteca, as estantes são categorizadas segundo a área do saber a que se dedica ou área predominante... Assim temos a estante de química contando a sua história, a estante de física, as várias expressões artísticas, a estante de matemática com seus códigos secretos e as

regras para decifrá-los, a de biologia contando como fomos, como somos e como seremos, e outras mais.

Cada estante com seus respectivos volumes, simples volumes, livros entre livros, um lugar para cada livro e cada livro em seu lugar. Nesse tipo de organização, os livros – como as áreas do saber – não se misturam, quem inventou essa ordem, essa verdade sobre disposição de livros definiu, regrou nossa forma de olhar o mundo e as coisas do mundo. Essa é a realidade de uma biblioteca, alguém a organizou assim e essa forma de organização é a verdade de quem a inventou; e é a verdade de quem a manteve e mantém nessa ordem por vários mil anos.

A ciência clássica e, também, a ciência moderna estabeleceram, com seus experimentos, a impossibilidade da diferença, quando determinam a intransitividade da nossa experiência, no sentido de que antecipam o nosso caminho e nossas possibilidades de caminhar, antecipam nossa chegada e nossas possibilidades de chegar e prescrevem o que se está por conhecer. Tais pensamentos produzem e determinam nossa universalidade.

O experimento da universalidade tem a ver com um jogo onde todos podem participar. Um jogo previsto de antemão, com ponto de partida e com a certeza da chegada; com regras pré-estabelecidas segundo critérios de verdade, de objetividade. O jogo é aparentemente aberto a todos e o que diferencia seus jogadores é a estratégia utilizada no seu desenvolvimento tendo em vista o ponto de chegada. E o que os torna mais ou menos experimentados, ou seja, o que os torna mais conhecedores é a capacidade de descobrir o caminho mais econômico, e, no caso, o mais eficaz, o mais seguro que conduza ao ponto de chegada.

A relação do sujeito com a matemática é, neste sentido, uma relação de experimento; tem a ver com este jogo. É um jogo que todos jogam, todos têm que jogar, um jogo com vencedores, um jogo com vencidos. Neste último caso estão os que não seguem suas regras, os que não alcançam o objeto real, o objetivo pré-estabelecido, a ideia primeira, pois esse jogo já se sabe como vai terminar. *Antes de participar do PIBID enxergava a matemática como algo do tipo aprende, não questione o porquê. Hoje sei que é necessário propor ao aluno pensar, refletir...*

Mas essa compreensão matemática, esse jogo é contingente, é histórico, o que nos faz pensar que pode se tornar diferente, pode ser outra coisa, algo que não se cristalize, que não se enraíze, não se universalize, que não se constitua dessa forma.

Ser pibidiano ampliou meus horizontes, me fez ver, conhecer e descobrir uma nova matemática, uma matemática que vai além dos números e das fórmulas e, que nem por isso, deixa de ser matemática, e mais, descobri que é apenas quando significamos algo que ele passa a fazer parte de nós, então foi somente através do pibid que a matemática, a educação matemática, passou a fazer verdadeiramente parte da minha formação.

Para tanto buscamos no PIBID romper com prescrições, com ideais de verdade, de objetividade, sempre tão presentes nas relações, nos experimentos com a matemática. Para, assim, nos colocarmos na experiência com a matemática; que a matemática nos seja receptiva, disponível, que possamos nos expor a ela, que possamos optar por correr o risco de experienciá-la.

Após dois anos descobri que o PIBID é muito mais que entrar na escola e ganhar 400 pila por mês. É comprometimento, aprendizagem, paixão pela arte de ensinar (e de aprender, sempre), saber dividir, compartilhar, aturar, ter muita, mas muita mesmo, paciência... E saber que se eu tivesse que escrever este texto em 2011 eu não teria saído do primeiro parágrafo.

Pois desconfio que existam cada vez mais livros que não se classificam segundo essas ou outras categorias. Esses livros devem ser dispostos em outras estantes ou fora de estantes. Esses livros são os outros, ou múltiplos, ou além disciplinar, ou transgressores ou simplesmente diferentes. Pois essa realidade ordenada e essa categorização verdadeira já nos parecem insuportável, esse *ter que estar em tal lugar* já nos causa dano.

A experiência no PIBID me propiciou um novo olhar sobre ser professor, abandonando a rigidez com que encarava o assunto e adotando uma postura mais humana. Como pibidiano aprendi a repensar, por diversas vezes, a maneira como posso apresentar e tralhar um conteúdo. Com isso, passei a avaliar e criticar meus pensamentos e produções, buscando práticas e concepções que colaborem com minha formação docente, bem como a formação de meus alunos.

Já é hora de buscar outras possibilidades; de desarrumar a biblioteca, de retirar esse pó acumulado durante anos, de terminar com as estantes, de misturar os livros, de desordenar a ordem. Talvez seja a hora dos livros de matemática contarem contos, talvez já seja hora da sem-estante dos transgressores, dos diferentes, tomar conta da biblioteca.

O PIBID se constituiu nessa possibilidade.

Estudante que entendia a matemática como uma coisa certa e definitiva, sem muito sentimento ou movimento. No início acreditava que bastava realizar algumas tarefas, ler alguns textos e minha 'obrigação' estava concluída.

O ler, o estudar nos permitem escolhas; nos permitem escolher nossas palavras, sempre novas palavras; nos permitem, através da escolha das palavras contar como entendemos nossa história e como queremos contar a história.

Mesmo com poucos meses de experiência no PIBID, me sinto a vontade em relatar que 'no mínimo' meus pensamentos são diferentes quando se trata de assuntos escolares. Trabalhando em outros programas com bolsa da universidade, observei

que PIBID é voltado para o aluno, o bolsista, o que me contenta no momento que eu sei que estou sendo valorizado.

Porque nós nos experimentamos ao ler, ao nos colocarmos na leitura, ao dar nosso sentido às palavras que contam a leitura e, então, a leitura já nos conta, pois já somos tão íntimos dela que ela já nos pertence. E se nos pertence, nos apropriamos dela para escrever outras histórias, nos apropriamos de suas palavras e organizamos outra história, porque o sentido das palavras só está na possibilidade de contarmos com elas, *Saí do PIBID mas o PIBID não sai de mim!*

5. Algumas considerações

A narrativa acima nos aponta alguns caminhos no sentido de pensarmos a formação de professores e a educação básica. Temos vivido nestes anos de projeto, experiências marcantes as quais só se acontecem nos sujeitos que estão expostos a elas. Temos clareza que fazer experiência da forma como nos submetemos não é algo tranquilo, é sofrimento, é angústia, de ver que os sistemas educacionais, e aí leiam-se escolas e universidades, imergiram num processo de intensa informação, inúmeras opiniões que não dão lugar a formação. Acompanhando as reformas políticas e econômicas porque passa a sociedade brasileira e mundial, uma nova realidade se constitui na tentativa de que os tempos educacionais alcancem os tempos políticos e econômicos constituindo, também, novos sujeitos escolares. Neste sentido, nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara, por falta de paciência, por falta de dar-se tempo, por falta de escutar.

Há que se pensar... e o pensamento que aqui se propõe é o de quem não é experiente, mas vem se constituindo na e pela experiência, um pensamento que também pensa que *A liberdade e a felicidade (...) estão na possibilidade de permanentemente pensar, criticar e tentar mudar — dia a dia, hora a hora — o que é dito sobre o mundo e o que é feito no mundo.* (VEIGA-NETO, 1996, 170).

Referências

BRASIL. Edital MEC/CAPES/FNDE. Seleção pública de propostas de projetos de iniciação à docência voltados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília: MEC/CAPES/FNDE, 12 de dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/editais-e-selecoes>>.

BRASIL. Edital CAPES/DEB nº 02/2009. Chamada pública do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília: CAPES, 25 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/editais-e-selecoes>>.

BRASIL. Edital CAPES nº 018/2010. Chamada pública do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília: CAPES, 13 de abril de 2010. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/editais-e-selecoes>>.

BRASIL. Edital CAPES nº 001/2011. Chamada pública do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília: CAPES, 03 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/editais-e-selecoes>>.

BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber, GRUN, Mauro. A aventura de retomar a conversação – hermenêutica e serviço social. In: COSTA, Mariza Vorraber (org). *Caminhos investigativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. (org.) A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

LARROSA, Jorge et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. *Imagens do outro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *Pedagogía Profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. La transformación de la crítica, In: SILVA, Tomaz Tadeu da (coord.). *Las pedagogías psicológicas y el gobierno del yo en tiempos neoliberales*. Sevilla: Publ. MCEP, 2000.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Conferência proferida no I Seminário internacional de Educação de Campinas. Leituras SME no. 4, julho/2001.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Mariza Vorraber (org). *Caminhos investigativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e suas experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, 21(2) : 161-175, jul./dez., 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa (Org). *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed Universidade. UFRGS, 2000. p. 37-72.